vinetur

Cooperativas vitivinícolas da Occitânia rejeitam cortes de preços após a vindima recuperar para quase 13 milhões de hectolitros

O grupo afirma que os depósitos mais cheios refletem uma normalização, não um excesso de oferta, numa região que produz mais de um terço do vinho francês

quinta-feira, 12 de novembro de 2026



As cooperativas vitivinícolas da Occitânia opõem-se a qualquer tentativa de baixar os preços das uvas e do vinho a granel, depois de a vindima de 2026 na região ter recuperado para um valor estimado de quase 13 milhões de hectolitros. Defendem que o regresso a volumes mais normais não significa um excesso de oferta.

Numa declaração publicada na terça-feira, 10 de novembro, os Vignerons Coopérateurs d'Occitanie afirmaram que a vindima deverá atingir cerca de 11 milhões de hectolitros no Languedoc-Roussillon e 2 milhões de hectolitros na antiga região de Midi-Pyrénées. O grupo afirmou que estes volumes surgem após três anos de colheitas excecionalmente fracas e devem ser entendidos como uma normalização, não como motivo para os compradores pressionarem os preços em baixa.

A estimativa das cooperativas para o Languedoc-Roussillon está muito próxima dos números divulgados a 6 de novembro pela Agreste, o serviço de estatística do Ministério da Agricultura francês. A Agreste estimou a produção da região em 11,068 milhões de hectolitros a 1 de novembro, mais 25% do que no ano anterior. A produção

nacional de vinho foi estimada em 36,659 milhões de hectolitros, mais 3% em termos homólogos, mas ainda 10% abaixo da média de 2021-2025.

Estes números realçam o peso do sul de França na vindima de 2026. Com base nos dados da Agreste e na estimativa das cooperativas para a antiga região de Midi-Pyrénées, a Occitânia representa pouco mais de um terço da produção de vinho estimada em França. Por isso, a posição da região em matéria de preços é relevante para além dos produtores locais, sobretudo porque uma grande parte dos seus vinhos é vendida a granel ou com indicação geográfica protegida. A resistência a preços mais baixos numa região fornecedora de tal dimensão poderá influenciar as condições de compra para comerciantes, engarrafadores e outras empresas do setor das bebidas, com possíveis efeitos nas margens ao longo da cadeia de abastecimento.

Fabien Castelbou, presidente dos Vignerons Coopérateurs d’Occitanie, afirmou na declaração que os produtores estão finalmente a regressar a níveis de produção mais próximos do normal, depois de várias vindimas muito reduzidas. Disse que isso não deve tornar-se «um pretexto» para baixar os preços e acrescentou que o setor do vinho tem pouca margem para absorver novas pressões.

As cooperativas afirmaram que os produtores continuam a enfrentar custos elevados de energia, embalagens, fatores de produção agrícola, mão de obra, financiamento e cumprimento dos requisitos ambientais e regulamentares. Disseram também que a região já reduziu parte da sua capacidade produtiva através do arranque de vinhas e da reestruturação das explorações, um argumento destinado a contrariar qualquer sugestão de que os depósitos mais cheios este ano refletem um excesso estrutural de produção.

A recuperação regional também faz parte de uma evolução mais desigual da vindima francesa. A estimativa da Agreste de 1 de novembro mostrou que o Languedoc-Roussillon registou o maior aumento entre as principais regiões vitivinícolas do país, enquanto a Champagne recuou 38% face ao ano anterior. Também se verificaram aumentos noutras zonas, incluindo no Sudoeste, com 15%, em Bordéus, com 10%, e no Sudeste, com 7%. O aumento no sul ajudou a compensar a menor produção no norte.

A nível nacional, a composição dos vinhos também é relevante para o mercado. A Agreste estimou a produção de vinhos IGP em França em 12,01 milhões de hectolitros, mais 18% do que no ano anterior, enquanto a produção de vinhos com denominação recuou 4%, para 15,042 milhões de hectolitros. Esta tendência é significativa para a Occitânia, onde os vinhos IGP e os vinhos de casta têm um papel importante e são frequentemente comercializados a granel antes de chegarem às prateleiras das lojas.

As cooperativas descreveram o ciclo vegetativo de 2026 como precoce e seco, com uma vindima prolongada. Afirmaram que a precipitação durante o inverno de 2025-2026 esteve próxima dos valores normais, ajudando os solos e as vinhas a recuperar parte das reservas após o stresse anterior. A primavera e o verão trouxeram novamente seca e temperaturas elevadas. Segundo o grupo, as uvas chegaram à adega com um bom estado sanitário e maturação equilibrada, levando-o a classificar a colheita como de elevada qualidade, embora as avaliações mais abrangentes do mercado dependam de provas e vendas posteriores.

A disputa centra-se nos preços pagos aos produtores no início da nova campanha comercial, não nos preços de venda imediatos aos consumidores. Os números disponíveis não indicam que os preços das garrafas nas lojas venham necessariamente a baixar. Os preços de venda a retalho dependerão dos contratos, dos stocks e das condições das vindimas noutras regiões, bem como das negociações entre produtores, cooperativas, comerciantes e retalhistas.

A pressão sobre o setor continua visível, apesar da colheita mais abundante. A Vinabox noticiou que, em setembro, a região de Roussillon tinha menos quatro adegas cooperativas do que no ano anterior, sublinhando as dificuldades financeiras que continuam a afetar partes do setor, mesmo com a recuperação dos volumes.